



# O futuro do clima, o clima do futuro

breve ensaio

por Gonçalo M. Tavares

1.  
O futuro está algures  
Entre as duas pedras para fazer fogo  
E o outro futuro mais à frente.  
Porque não há futuro sem dia seguinte.

O último dos futuros ou será apocalipse  
Ou será mais uma vez o penúltimo  
Ou mesmo o primeiro dos futuros.

O tempo teimoso teima em caminhada,  
Por vezes coxa outras vezes acelerada.  
E nem o vento sujo tudo suja de uma vez,  
Nem os ventos claros tudo limpam  
de uma única passagem.

O clima é, pois, coisa antiga.  
Batalha por vezes entre limpeza incompetente e  
desastrada  
E exército carregado de entropia e entulho.  
Exército que de porcarias várias entope  
a saudável circulação  
dos vários estados possíveis da matéria.

Os vários Estados estão unidos  
na produção do benigno e do diabo;  
Promovido este, e plastificado,  
resistente e a bom preço.

Se o mal e o bem  
(Simplifiquemos assim)  
Estiverem lado a lado  
No supermercado  
Um a alto preço, o bem,  
O outro em extraordinária promoção,  
O mal,  
O consumidor urgente comprará  
O que no presente mais barato fica.  
Que nenhuma dúvida sobre isso exista.

2.  
Em certos países clarividentes  
Todo o governo decente  
Tem já nos seus corredores poderosos  
Um ministério do futuro.  
Cidadãos atentos às urgentes necessidades  
Das gerações cujos pais ainda não nasceram.

Cuidamos do património, claro,  
Dos velhos edifícios e das velhas línguas,  
Mas cuidemos também do que ainda não se vê  
Nem ouve,  
Do que ainda não ocupa espaço nem reclama,  
Do que ainda não vota, nem berra.  
Dos animais e plantas, dos sólidos e dos mares  
Ainda não nascidos

3.  
O clima é, pois, coisa antiga.  
Bem antes do dinossauro  
Já soprava a breve brisa  
Sobre o chão todo o natural  
Feito já, e bem preparado,  
Para o humano e para o animal.

4.  
O humano informático e bíblico  
Aí está agora  
Capaz de fazer com a técnica moderna  
Cópia perfeita dos antigos milagres religiosos.  
Capaz de com máquinas imaginadas  
Fazer do fumo sujo, fumo incolor.  
Sem cor sim e também sem forma ou cheiro.

Do fumo se fará um dia  
Com a máquina certa e uma certa pontaria  
Uma leveza que nada pese  
Nem no ar nem nos pulmões  
Dos vários vivos  
Que pelo dia de hoje vagueiam  
pelo ar pela terra e pelo mar.

E ainda, acrescente-se, cuidemos do desejo  
dos organismos fecundos e potentes  
carregadas com futuro desde a cabeça  
aos pés passando pelos necessários  
órgãos concretos de procriação.  
Só há futuro eis a evidência biológica  
Com o mínimo de desejo  
Quer da pele quer do pêlo individual  
Quer da larga sociedade em geral.

5.  
As fábricas serão produtoras de ar 100% puro  
E o bem-estar será substituído pelo bem-andar  
E o bem-dançar e o bem-cantar  
E o bem-amar que só bem-estar já não basta  
Para humanos, animais ou mesmo para as planas plantas,  
Que revolucionando tudo exigem a cada dia  
Não só água sol e sobrevivência  
Mas quem sabe prazer também.

Até a árvore, sim,  
Cansada está ela de estar apenas  
Como se a imobilidade aparente fosse  
Reduzida a estar quieta e contente.  
Quando é na árvore, já se sabe,  
que tudo o que é vivo e rápido começa.  
E sim: até a árvore exige cuidados e afetos  
E não apenas H<sub>2</sub>O a quantidades mínimas.  
Nenhum organismo quer apenas sobreviver,  
o que é vivo quer essa coisa imaterial e antiga  
que é a dose máxima possível de alegria.

6.  
É preciso esvaziar o apocalipse anunciado  
Com uma fina agulha certa.  
Não há ação acertada com base no doido desespero.  
Dos desesperados saem desastrados movimentos,  
sem calma não se acerta no alvo  
e talvez nem sequer se saiba por GPS a sua localização.  
Está o alvo no Norte ou no Sul  
A Leste ou Oeste? Para cima ou para baixo?

O desesperado de bom coração ecológico  
está perdido no tempo e nas tarefas.  
Grita e dispara como os dementes:  
acerta em tudo o que mexe  
e em tudo o que está quieto.

Todo o desespero  
mesmo que bem-intencionado,  
promove nas ideias  
o estado circular ou de sem saída.  
E todo o movimento circular é previsível  
como nos ensina a geometria  
que de política sabe mais  
do que muitos tratados escritos.

Em frente, diziam já há muito os bois  
que em redor da nora  
andavam para com esforço produzir  
o que era útil apenas para os seus donos.

Todo o gesto circularmente político  
Produz somente tontura no próprio  
e cansaço nos inicialmente entusiasmados espetadores.  
Substituir talvez o grito informe  
dirigido à maquinaria maligna anunciada,  
por investigação específica que, às máquinas poluentes,  
contraponha máquinas capazes de produzir futuro fluido,  
harmonia e tranquilas conversas à lareira e junto ao mar.

7.  
Que a água ar terra e fogo  
Os quatro velhos elementos naturais  
Sejam compatíveis com a artificial inteligência  
que por aí anda.  
Que a máquina modere o fogo que mata  
a água que afoga  
O ar que sufoca  
e a terra que por vezes debaixo dos nossos pés desaba.  
Porque do humano veio o feio e o belo,  
Em tela de museu ou debaixo do sol.  
Do humano veio o feio e o belo,

O belo e o feio,  
e o muito belo, sim, e o muito feio.

O primeiro futuro aí está, em 2023  
Ou alguns anos antes ou depois.  
Que o primeiro futuro nada termina,  
bem o sabemos, pela ordem natural dos números simples.  
Que ao primeiro futuro se siga um segundo  
Um terceiro e por aí adiante,  
Eis o que um sensato utopista deseje  
e facilmente adivinha.

Se o primeiro futuro assusta polui e cheira mal  
indispõe pulmões e flores,  
infiltra pó e fumo no puro oxigénio  
que tão lindo está adivinhado em combinação  
na tabela de Mendeleev, direitinho e no seu lugar,  
Se o primeiro futuro assusta, então,  
polui e cheira mal, insisto, que venha então rapidamente  
um segundo futuro feito não de passado e nostalgia  
mas de inteligência equilibrada e necessária.  
Novas fábricas estranhas produzem mosquitos e vento,  
Fazem-se esponjas para exigir que o calor inteiro  
Não vá inteiro para a terra e para a biologia.

A qualidade da água, sim,  
a qualidade do ar  
e sim, e também, porque não:  
A qualidade do fogo.  
Porque é o fogo que dá forma às coisas  
As molda e modifica.  
Tudo o que é forma vem do fogo.  
Melhorar a qualidade do fogo  
Para melhorar a qualidade da forma  
Melhorar também, claro, qualidade do solo.  
Aquilo que pisa é sagrado.  
Em vez de andarmos devíamos voar, claro,  
Para não estragar com os pés ou sapatos  
o que bem antes de nós aqui estava.  
Mas nem para todos os animais é fácil ser pássaro.  
Mas sim, eis os cinco objetivos  
do segundo futuro que aí vem:

melhorar a qualidade da água, do ar, do fogo e da terra,  
E melhorar também a qualidade do humano,  
O 5º elemento,  
esta substância magnífica que por aqui muito anda  
e muito fez.

Nada adianta, dirá o cético,  
Melhorar a qualidade das coisas em redor do humano  
se antes não melhorarmos o humano.

Podemos, pois, pensar em máquinas  
capazes de no humano aperfeiçoar  
não a força, a inteligência ou o cálculo intuitivo  
para as velhas artes, mas sim a sua ética.  
Uma nova maquinaria capaz de tornar o humano  
eticamente mais equilibrado.  
De medicamentos para doenças físicas, psicológicas  
e até sociais, está a medicina cheia;  
na ética a farmacêutica não entra,  
deixa isso para os moralistas coletivos  
e para os pais desamparados.  
A ética não é assunto de substâncias químicas, defende-se.

8.  
Máquinas éticas, eis o que há muito se pede.  
Máquinas de bom coração mecânico  
E de bom coração algorítmico.  
E uma proposta utópica seria então exigir  
das novas fábricas a verdadeira novidade:  
máquinas que produzam ética em vez de objetos  
imediatamente úteis.  
Que aquilo que funciona seja ligeiramente desvalorizado  
em relação àquilo que no mundo e nos dias introduz  
bondade.  
Muito do que funciona nada de bom traz  
E muito da bondade é inútil  
para o progresso geral das nações técnicas.  
A bondade por vezes é um atraso de vida,  
esperar por exemplo por quem está em último e em  
dificuldades.  
Quem espera pelo último, atrasa-se.  
Quem corre atrás do primeiro, acelera.

Entre a ética e o primeiro lugar há, por vezes,  
uma incompatibilidade extrema  
e quem pensa ser rápido e ético ao mesmo tempo  
engana-se a si mesmo.  
A ética chega sempre um pouquinho atrasada,  
mas chega com todos – até com os pobres, por exemplo.

9.  
A ética não é uma metodologia para vencer corridas,  
é um processo de multiplicar a hospitalidade,  
de não permitir que um único naufrago  
fique no alto mar sozinho.

As temperaturas extremas na terra  
onde os nossos bisnetos farão tenda  
exigem do humano a extrema modéstia  
misturada com a extrema ambição.  
Pequenos somos ao lado das muitas montanhas  
e do mundo, do sol, do cosmos e das longínquas galáxias  
Mas enormes potências temos, ao mesmo tempo,  
para mudar o possível na direção do excelente.

Não se muda, é claro, o clima  
como se muda uma lâmpada fundida ou avariada.  
O clima é alto e largo demais  
para as limitadas mãos do bípode técnico,  
Mas percebemos já que as limitadas mãos do bípode  
técnico  
se são incapazes de tudo resolver  
e se não são as culpadas de tudo  
(não foram elas, segundo parece, as responsáveis pela  
extinção dos dinossauros, por exemplo)  
pelo menos são capazes de alguma coisa fazer.

Imagino fábricas fazedoras de árvores  
capazes de resistir às intempéries naturais e humanas.  
Artesanato educativo capaz de fazer  
de uma infância um lúcido adulto,  
capaz de separar o mal do bem,  
o trigo do joio, o belo do feio,  
o que salva do que mata,  
o que protege o futuro, daquilo que o impede de aparecer.

Esta capacidade simples de separar e decidir,  
de agir como os pacientes mestres budistas  
que em vez de muitos movimentos bem-intencionados  
mas desnorteados e insensatos, fazem um único  
movimento perfeito no perfeito momento.

Não há ética útil ecológica sem estudo mínimo  
da física das coisas.  
Como o equipamento militar perdido no campo do  
inimigo,  
toda a energia desperdiçada em alvo lateral  
não será recuperada e pelo adversário será contra ti  
utilizada.

Pode um plano de zeros e uns produzir clima ameno,  
travar os excessos que nos esmagam.  
Tecnologia benigna aí anda e com ela, quem sabe,  
se fará um dia bom.

Não se trata de voltar à floresta  
e à véspera da invenção do fogo.  
Trata-se de cuidar dos vivos  
e dos que ainda estão por nascer,  
a partir do ano presente.

Os golpes decisivos são de minúcia fina.  
Toda a explosão produz destroço e lixo;  
Não há dinamite que produza futuro.  
E nem tudo o que o humano fez ou inventou é destrutivo.  
Todo o começar do zero é começar demasiado atrás.